



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

MARIA DERLIANE PEREIRA DA SILVA

**LITERATURA, CATARSE E SUICÍDIO: OS EFEITOS DO TEXTO LITERÁRIO
PRODUZIDOS NA SOCIEDADE DO SÉCULO XVIII A PARTIR DA OBRA “OS
SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER”**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2023**

MARIA DERLIANE PEREIRA DA SILVA

**LITERATURA, CATARSE E SUICÍDIO: OS EFEITOS DO TEXTO LITERÁRIO
PRODUZIDOS NA SOCIEDADE DO SÉCULO XVIII A PARTIR DA OBRA “OS
SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586I Silva, Maria Derliane Pereira da.
Literatura, catarse e suicídio: os efeitos do texto literário produzidos na sociedade do século XVIII a partir da obra "Os sofrimentos do jovem Werther" [manuscrito] / Maria Derliane Pereira da Silva. - 2023.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.
"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "
1. Literatura. 2. Catarse. 3. Suicídio. 4. Werther. I. Título
21. ed. CDD 370

MARIA DERLIANE PEREIRA DA SILVA

LITERATURA, CATARSE E SUICÍDIO: OS EFEITOS DO TEXTO LITERÁRIO
PRODUZIDOS NA SOCIEDADE DO SÉCULO XVIII A PARTIR DA OBRA "OS
SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER"

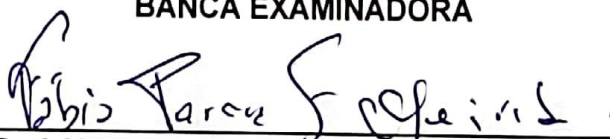
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira
Figueiredo.

Aprovado em: 28 de Junho de 2023.

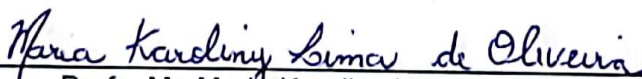
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois sem ele nada disso seria possível. Agradeço a minha família, em especial, a minha mãe e ao meu pai, que sempre foram apoiadores dos meus estudos. Agradeço com muito carinho a minha irmã e companheira de jornada, Daiane, que sempre esteve ao meu lado compartilhando os mais diversos momentos.

Um agradecimento mais do que especial para o meu tio Antônio Neto, para a minha madrinha Dalvinha e o meu primo Matheus, que me acolheram com todo carinho em sua casa durante dois anos. Sem vocês, a trajetória teria sido imensamente mais difícil.

Também gostaria de agradecer a Zé Ferreira, a madrinha Palmira e a Neto, por todas as caronas até Catolé do Rocha.

Agradeço de coração a todos os colegas da minha turma de Letras, foi muito prazeroso estar presente em uma turma tão unida e com um astral tão positivo, mas agradeço em especial a Fabíola, Brígida, Anny e Sali, com as quais compartilhei muitos momentos incríveis, que certamente levarei para sempre na memória e no coração. Também expresso minha gratidão a Israel por todas as risadas proporcionadas.

Um agradecimento especial a Ana Paula, foi realmente um privilégio ter sua amizade nessa jornada; sua inteligência, força de vontade e prestatividade são características inspiradoras, nossos momentos ficarão marcados.

Agradeço pela oportunidade de ter participado do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no qual tive experiências que contribuíram efetivamente para a minha formação acadêmica. Agradeço com carinho as orientações e auxílios prestados durante esse processo, dos professores Rafael José de Melo e Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida. Agradeço aos demais colegas que estiveram comigo, em especial, a Vitória Évila e Maria Beatriz, foi realmente incrível ter compartilhado experiências com vocês.

Agradeço aos professores da UEPB que tive o privilégio de ser aluna, todos de alguma forma contribuíram para o meu crescimento acadêmico. Também expresso gratidão a todos os funcionários da UEPB.

Agradeço, de forma especial, ao meu orientador, professor Fábio, com o qual tive o privilégio de cursar várias disciplinas e aprender muito mais sobre literatura.

Agradeço por toda a paciência nas orientações e por ter sido fonte de inspiração para a escrita deste trabalho.

“Se tens um coração de ferro, bom proveito. O meu fizeram-no de carne, e sangra todo dia” (SARAMAGO, 1987, p. 39).

RESUMO

A literatura se notabiliza como um importante meio de expressividade artística. Mediante as formas estéticas, as narrativas conseguem estabelecer o despertar de sentimentos nos leitores e na relação que estes estabelecem com os textos literários. Esse processo de descargas emocionais foi estudado por Aristóteles a partir das tragédias gregas, denominado pelo viés aristotélico como catarse. Nesse sentido, partindo para o campo literário, é possível destacar o livro “Os sofrimentos do jovem Werther” como uma das obras clássicas de maiores repercussões no cenário mundial, sendo considerada inclusive como possível influenciadora de atos suicidas. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar o impacto do texto literário em um determinado período histórico, focalizando, especificamente, em estudar a relação entre a escola romântica e o seu tempo, verificando as premissas teóricas de Aristóteles sobre a catarse e investigando a constituição do suicídio em diferentes períodos históricos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, que se fundamenta nas concepções de Durkheim (2003), Aristóteles (2011), Goethe (2017), Gatti (2020), dentre outros autores. A partir da realização da pesquisa, foi possível constatar a capacidade do texto literário de envolver emocionalmente o leitor, assim como verificar a importância da obra de Goethe para o cenário literário da época e a complexidade no que circunda o ato do suicídio.

Palavras-chave: Literatura. Catarse. Suicídio. Werther.

ABSTRACT

Literature stands out as an important means of artistic expressiveness. According to the aesthetic forms, narratives manage to awaken feelings in the readers and in the relationship that they establish with literary texts. This emotional discharge process was studied by Aristotle from the Greek tragedies, called by the Aristotelian bias as catharsis. In this sense, moving to the literary scope, it is possible to highlight the book "Os sofrimentos do jovem Werther" as one of the classic works with the greatest repercussions in the world scenery, even being considered as a possible influencer of suicidal acts. In this perspective, the general objective of the current work is to analyse the impact of the literary text in a certain historical period, focusing specifically on studying the relationship between the romantic school and its time, verifying Aristotle's theoretical premises about catharsis and investigating the suicide constitution in different historical periods. This is a bibliographical research with a qualitative approach, based on the conceptions of Durkheim (2003), Aristotle (2011), Goethe (2017), Gatti (2020), among other authors. Taking into account the research accomplishment, it could be realized the capacity of the literary text to emotionally involve the reader as well as to verify the relevance of Goethe's work for the literary scenery of the time and the complexity surrounding the suicide act.

Keywords: Literature. Catharsis. Suicide. Werther.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 TEXTO E CONTEXTO: NOTAS INTRODUTÓRIAS E REFLEXÕES	
SOCIOCULTURAIS SOBRE O “WERTHER”, DE J.W. GOETHE	12
3 UM MUNDO VAZIO: SUICÍDIO E LITERATURA NOS PRIMÓRDIOS DA	
MODERNIDADE.....	17
3.1 Suicídio e cultura	19
3.2 Suicídio e religião	20
3.3 Literatura, suicídio e catarse.....	22
4 FRAGMENTOS DO DESESPERO: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO “JOVEM	
WERTHER”	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma das grandes formas de expressividade artística criadas pela humanidade. Dentre as suas características marcantes, podemos apontar o teor subjetivo, a capacidade de contar histórias, criar enredos e despertar sensações através das narrativas. Além disso, a relação que é estabelecida entre leitor e texto também é um processo marcante, pois o receptor, em muitos momentos, é envolvido pelo conteúdo abordado nos textos, o que acaba por despertar inúmeros sentimentos nele próprio, como angústia, admiração, medo, melancolia, etc.

Já na antiguidade, Aristóteles relatava um pouco a respeito destes aspectos, mas com uma perspectiva voltada para a tragédia grega, esta que apresentava enredos notabilizados pela dramaticidade. Nesse sentido, os enredos construídos sob o viés da dramaticidade, propiciavam um forte envolvimento e algumas descargas emocionais aos espectadores que acompanhavam as peças, momento em que surge o conceito de *catarse* como um termo associado à ideia de purgação, ou seja, a capacidade de expelir determinados sentimentos a partir do contato com as obras teatrais trágicas.

Neste sentido, o presente trabalho busca estabelecer relações entre o conceito de *catarse* proposto na Filosofia de Aristóteles e a obra literária de autoria do alemão Johann Wolfgang von Goethe, intitulada “Os sofrimentos do jovem Werther”, livro clássico do Romantismo, marcado por sua suposta atuação na influência de suicídios. Para tanto, destacamos como objetivo geral analisar o impacto do texto literário em um determinado período histórico, de modo que para atingir esse objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: estudar a relação entre a escola romântica e seu tempo; verificar as premissas teóricas de Aristóteles sobre a *catarse*; e investigar a constituição do suicídio em diferentes períodos históricos.

“Os sofrimentos do jovem Werther” é um livro que marca o início do Romantismo literário na Europa. Escrito em 1774, por Goethe, se apresenta como uma das grandes produções do autor, que contribuiu no âmbito da literatura por meio de diferentes produções literárias, voltadas ao teatro, a escrita de romances, poemas épicos, etc. O autor é considerado um dos precursores do Romantismo na Europa, com destaque no pré-romantismo alemão, reconhecido como um dos integrantes do movimento literário *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), que buscava uma estética diferente para a literatura daquele período histórico.

A obra teve grandes repercussões na época, principalmente por trazer enfoque a temáticas tocantes à humanidade, como o amor e o suicídio, sendo este último um assunto muito discriminado e pouco discutido pela sociedade do século XVIII. A fama e a polêmica dos suicídios atribuídos ao texto resultaram na proibição do livro em alguns lugares. O fato é que a obra se tornou um sucesso e se notabiliza como um dos grandes clássicos da literatura, já que “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, p. 11), ou seja, o clássico é um texto que atravessa gerações. É nessa perspectiva que a definição proposta por Calvino (1993) se aplica à obra escrita por Goethe, pois, apesar de se tratar de um texto do século XVIII, seu conteúdo ainda permanece vivo e é capaz de promover discussões, reflexões e novas observações dentro da narrativa nos dias atuais.

Destacamos como aporte teórico as ideias propostas por Aristóteles (2011), Goethe (2017), Durkheim (2003), dentre outros autores que nortearam o desenvolvimento da pesquisa. Os estudos direcionados à filosofia de Aristóteles focalizam, especificamente, no conceito de catarse retratado no livro “Poética”, uma das obras mais antigas do autor, que traz abordagens relevantes sobre a constituição da poesia trágica e da poesia épica. Por outro lado, no que se refere a obra de Durkheim (2003), buscamos suas contribuições sociológicas sobre a questão do suicídio, aspecto essencialmente abordado em seu livro que tem como título “O suicídio”, no qual o autor faz diversas análises sobre vários fatores sociais que podem estar ligados ao autocídio.

A escrita do trabalho se justifica pela importância de promover mais estudos sobre os impactos que um texto literário pode causar no receptor, trazendo maiores reflexões sobre a catarse e sua associação com a literatura, observando, simultaneamente, as positivities e possíveis negatividades que podem ser estabelecidas nessa relação. Além disso, se faz relevante buscar maiores análises dos acontecimentos gerados após a escrita do texto de Goethe.

O interesse pelo tema proposto no trabalho começou a ser construído durante as aulas de literatura do curso de Letras, nas quais tiveram abordagens a respeito do conceito de catarse, assim como foram feitas muitas menções ao livro de Goethe, no que concerne a construção da narrativa e aos rumores gerados pela obra na influência de suicídios. A partir da leitura do livro e do conhecimento contextual e histórico de seu período de lançamento, surgiu o interesse em relacionar tais ideias. Neste sentido, ao considerar que os livros mais marcantes são aqueles que conseguem despertar

sentimentos humanos nos leitores, tornou-se interessante pesquisar a respeito das possíveis proporções que uma obra literária pode gerar na vida dos leitores de uma dada época.

Esta pesquisa encontra-se dividida em três tópicos; o primeiro está intitulado “Texto e contexto: notas introdutórias e reflexões socioculturais sobre o ‘Werther’, de J.W. Goethe”, no qual é apresentado um pouco sobre a vida de Goethe, sua participação no movimento pré-romântico e as inspirações pessoais que influenciaram a criação do personagem Werther, fazendo-se também uma contextualização da obra e de sua repercussão no período de lançamento.

O segundo tópico é denominado “Um mundo vazio: suicídio e literatura nos primórdios da modernidade” e aborda a constituição do suicídio a partir de uma visão histórica, sobre como esse assunto era visto em diferentes períodos e culturas, assim como, a perspectiva de diferentes religiões sobre a temática. Além disso, também foram traçadas discussões a respeito da importância das abordagens literárias sobre o tema e como ocorre o processo de catarse. O terceiro tópico é intitulado “Fragmentos do desespero: uma análise literária do jovem Werther” e traz algumas considerações a respeito de trechos do livro, assim como sugere algumas possíveis razões da obra ser promotora do efeito catártico.

2 TEXTO E CONTEXTO: NOTAS INTRODUTÓRIAS E REFLEXÕES SOCIOCULTURAIS SOBRE O “WERTHER”, DE J.W. GOETHE

Johan Wolfgang von Goethe viveu durante 82 anos - uma longa vida para os parâmetros de sua época -; nasceu na cidade de Frankfurt, Alemanha, em 1749, e faleceu em março de 1832, na cidade de Weimar. Teve uma vida intensa, marcada pelos estudos, escritos e paixões (estas que tiveram grande influência em suas produções). Goethe era descendente de uma família bem-sucedida na Alemanha, onde cresceu em uma casa com muitos livros, e talvez esses fatores tenham exercido papel instigante sobre sua veia artística e nas motivações para o estudo.

O autor é notoriamente reconhecido pelos seus escritos. Talvez uma de suas obras de maior relevância seja “Fausto”, um poema dramático que só chegou a ser concluído próximo da reta final de sua vida. Entretanto, Goethe também exerceu outras funções, a exemplo da faculdade de Direito, que cursou por pressão do pai, jurista, todavia esta não era a sua paixão. Além disso, desenvolveu trabalhos na área da Ciência, de modo que, dentre suas pesquisas, se destaca a “Teoria das Cores”. O autor também desempenhou papéis administrativos em Weimar, onde era muito estimado pelo Grão Duque da cidade.

Goethe viveu entre os séculos XVIII e XIX, um período de tempo marcado por diversos acontecimentos históricos, como a Revolução Industrial, a Guerra dos Sete Anos, a Revolução Francesa, o Iluminismo e a transição para o Romantismo, na qual o autor foi uma personalidade relevante. O marco inicial dessa transição foi o movimento literário do pré-romantismo alemão, chamado *Sturm und drang*, que tem por significação “tempestade e ímpeto”, cujo nome foi inspirado em uma peça do dramaturgo Friedrich Maximilian von Klinger.

O movimento também contou com o destaque de figuras como Friedrich Klinger, Johann Gottfried Herder e Friedrich Schiller: “Os **stürmer und draenger** procuravam novas formas de expressão que os libertassem do estrito cumprimento das regras de boa literatura impostas pelas academias fadoras do Classicismo” (LESKI, 2021, p. 161, grifo do autor). Esse período é marcado pela rigidez das formas de expressividade artística, de modo que existia uma forte padronização em torno desses aspectos, abrindo pouco espaço para a criatividade e subjetividade, cuja influência clássica deriva fortemente da cultura francesa.

O *Sturm und Drang* também “se deu como forma de reação ao Iluminismo (*Aufklärung*), em respeito, sobretudo, a seu racionalismo exacerbado e a objetividade da época” (PERUQUETTI; CAMPOS; BARCELLOS, 2021, p. 83). O Iluminismo foi um importante período da História, conhecido como o século das luzes, e atuou como um meio de desconstruir certos preceitos religiosos, enfatizando a racionalidade humana. A razão era algo sobreposto e o movimento pré-romântico buscava uma oposição a toda essa racionalidade, dando ênfase ao sentimentalismo. Nesse cenário cultural,

Podemos dizer que o movimento visa a expressão dos sentidos, das emoções, das paixões, ou seja, os artistas acreditavam serem essas as maiores virtudes do homem e, assim, tinham como inspiração e modelo de realização a própria criação divina (PERUQUETTI; CAMPOS; BARCELLOS, 2021, p. 84).

Conforme o exposto, o pensamento atuante buscava inovações nas formas de criação artística, agora com foco para as questões interiores, como os sentimentos humanos, a fuga da realidade, a natureza e o espírito romântico. Ligado a essas características, talvez o grande expoente do início do Romantismo tenha sido justamente o livro de Goethe, “Os sofrimentos do jovem Werther”, romance epistolar, lançado em 1774, escrito pelo autor aos 24 anos de idade, em apenas algumas semanas. No âmbito da narrativa, o leitor tem ciência dos acontecimentos da vida do protagonista Werther, um jovem sentimental e apaixonado pela natureza, que escreve cartas para seu amigo Wilhelm.

No momento em que a trama é iniciada, Werther se muda para o vilarejo de Wahlheim, onde fica fascinado com os aspectos da natureza e faz descrições muito subjetivas e encantadoras. Depois de alguns dias na região, o protagonista conhece a jovem Charlotte Buff, e logo nos primeiros contatos com a moça é possível perceber que Werther fica maravilhado. Posteriormente, o jovem descobre que Lotte era prometida em casamento a Albert, cujo enlace é responsável por um turbilhão de sentimentos, que, ao mesmo tempo em que provocam uma imensa paixão, também é a causa da ruína do protagonista.

Muitos dos escritos de Goethe, em “Os sofrimentos do jovem Werther”, foram inspirações de sua vida pessoal, pois o autor também teve envolvimento com uma jovem chamada Charlotte Buff, como se nota no excerto a seguir: “Pouco depois de sua chegada a Wetzlar, Goethe compareceu a um baile em Volpertshausen, vila próxima, quando conheceu uma jovem chamada Charlotte Buff” (HULSE, 2021, p. 8).

O autor se encantou com a moça, mas logo descobriu que ela era prometida a Christian Kestner. O trio desenvolveu uma certa amizade, mas “Lotte foi obrigada a dizer a Goethe, com toda franqueza, que ele não deveria esperar que seu amor fosse correspondido” (HULSE, 2021, p. 11). O mesmo dilema acontece com o personagem Werther no livro, mas diante da desilusão amorosa, Goethe decide ir embora de Wetzlar e seguir sua vida.

Por outro lado, cogita-se também que parte da história de Werther teria sido inspirada em um amigo do autor, Karl Wilhelm Jerusalem, este que teria se apaixonado por uma mulher casada, e como não pôde ser correspondido, acabou se suicidando. Goethe poderia ter tido uma certa identificação com o caso do amigo, pelo fato de ambos terem vivido a experiência de uma paixão impossibilitada, de modo que o autor tomou conhecimento dos fatos antes de sua saída de Wetzlar.

O relato de Christian Kestner descrevia uma história que circulava por Wetzlar: a de que Jerusalem havia declarado seu amor para Elisabeth Herd. Fraud Herd, mantendo o jovem à distância, contou sobre a cena ao marido, pedindo-lhe que proibisse o acesso de Jerusalem à residência do casal, coisa que o marido fez. Nesse ponto, Jerusalem enviou uma nota a Kestner, solicitando o empréstimo de suas pistolas para uma viagem que ele pretendia fazer, e Kestner, ignorando o que se passava na cabeça de Jerusalem, cedeu ao pedido (HULSE, 2021, p. 14).

Esses acontecimentos são retratados com verossimilhança na narrativa de Werther. Partindo desse pressuposto, na perspectiva ficcional, Christian Kestner seria o Albert, responsável pelo empréstimo da arma com a qual o personagem se suicida. Os relatos da morte de Jerusalem teriam servido como um complemento para a construção do livro, no qual Werther seria resultado da desilusão amorosa de dois casos reais. As vestimentas de Jerusalem também teriam sido inspirações na criação do personagem: “Jerusalem [...] Vestia-se à moda tradicional da Baixa Alemanha, à imitação dos ingleses: fraque azul, colete e culote de couro amarelado, botas de remate marrom” (GOETHE, 2017, p. 652). Mais tarde, com a repercussão do livro, essas vestimentas ditariam a moda entre os leitores e seria uma das marcas de Werther.

De acordo com Goethe (2017), a escrita do livro teria sido como um ato de confissão, fazendo o autor se sentir livre novamente para traçar novos rumos em sua vida. A escrita do texto foi elaborada em apenas quatro semanas, e logo após seu lançamento, a narrativa de Werther se tornou sucesso, trazendo muitos dos ideais

romancistas em seu conjunto: “A obra apresenta muitas temáticas que caracterizam o movimento romântico, como a idealização da mulher amada, a emoção acima da razão, a crítica às relações sociais, a exaltação da natureza e, principalmente, o trágico destino do protagonista” (GATTI, 2020, p. 46).

O personagem Werther seria, nesse caso, uma espécie de personalização dos preceitos idealizados pelos pré-românticos. A escrita de Goethe se notabiliza pelo foco na introspecção humana, repleta de sensibilidade, emoção e subjetividade, com enaltecimento a natureza em vários momentos, representando também, a personagem Charlotte, um ideal de mulher amada. Todos esses aspectos eram uma oposição aos preceitos artísticos estabelecidos pelo Iluminismo e pelo Classicismo, e a obra rapidamente conquistou o público, tomando grandes proporções e reverberando de diferentes formas.

O sucesso do Werther foi veloz e imenso. O romance logo foi traduzido para todas as principais línguas europeias. Escreveram-se poemas, peças e óperas sobre Werther. [...] Músicas sobre Werther eram cantadas. Porcelanas de Meissen exibiam cenas do livro. Damas usavam jóias, leques e luvas associadas ao personagem, e o perfume delas chamava-se Eau de Werther (HULSE, 2021, p. 18-19).

Diversas homenagens foram realizadas, incluindo reescritas do enredo, ganhando um final considerado feliz. A narrativa ganhou muita repercussão, inclusive por parte do imperador Napoleão, que teria lido a obra sete vezes, cuja notabilidade da obra não se deu apenas na Alemanha, mas em diversos lugares, atingindo muitos leitores que de alguma forma se identificavam e tinham apreço pela trama do jovem Werther. O texto de Goethe acabou também se tornando motivo de polêmica, pois muitos suicídios que ocorreram na época foram relacionados ao livro:

Muitos suicídios foram atribuídos à leitura de Werther caracterizados, inclusive, pelo figurino usado por aqueles que, na época, se mataram: casaca azul, calça amarela, livro na mão e um disparo na cabeça, seguido literalmente o quadro pintado pelo personagem (ALMEIDA; KOSOVSKI, 2019, p. 233).

Essas questões foram promotoras de muitas polêmicas na época e são focos de discussão até hoje, considerando que muitos associaram o aumento do número de suicídios à influência da narrativa. Apesar de todas as polêmicas e especulações em torno do livro, não foi de fato comprovado que a obra teria sido responsável pelos atos

suicidas, mas talvez tenha atuado como uma espécie de gatilho para aqueles que já tinham essa atitude em mente.

Em virtude disso, a denominação “efeito Werther” foi associada a possíveis vítimas do texto de Goethe, mas de acordo com Shecaira (2019), essa denominação teria sido criada pelo sociólogo David Phillips para ilustrar que relatos de suicídio divulgados na mídia poderiam ter ligação com o aumento do número de casos. No entanto, toda a reputação gerada em torno do livro de Goethe, aliado ao tabu existente sobre a temática do suicídio, especialmente na sociedade do século XVIII, fizeram com que o livro fosse vetado em países como a Dinamarca e a Itália.

Apesar de todas as polêmicas geradas em torno do livro, é inegável que “Os sofrimentos do jovem Werther” marcou a época e o contexto em que foi produzido e se apresenta como a primeira grande obra do Romantismo que tomou notabilidade expressiva. Em decorrência disso, foi influente para a promoção de mais escritos com novas visões de estética literária, além de promover discussões que ainda são necessárias na atualidade, mas se apresentavam como muito importantes no século XVIII, época em que os estigmas e os preconceitos eram ainda maiores. Nesse sentido, é possível dizer que “a literatura funciona como um canal de comunicação entre a sociedade atual e diferentes sociedades localizadas em diferentes tempos e locais” (GATTI, 2020, p. 13-14), sendo também uma espécie de representação social, de modo que, quando se trata de assuntos universais, consegue se fazer presente e provocar reflexões mesmo ao longo do tempo.

3 UM MUNDO VAZIO: SUICÍDIO E LITERATURA NOS PRIMÓRDIOS DA MODERNIDADE

Historicamente, o suicídio vem se apresentando como um tema repleto de polêmicas, preconceitos e discriminações, em especial em sociedades ocidentais. Durkheim (2003) aponta que os suicidas e até mesmo quem de alguma forma exercia alguma influência sobre os atos, era punido e discriminado muitas vezes de formas grotescas. Na idade média, por exemplo, punições eram estabelecidas aos suicidas, com bens confiscados, e cadáveres penalizados.

Em o “Mito de Sísifo”, Albert Camus (2008) traz algumas considerações filosóficas em torno da temática. Camus (2008) considera que, para a Filosofia, o suicídio é o único problema verdadeiramente sério, pois destaca a vida como algo absurdo, desprovida de sentido. Nesta perspectiva, o suicídio seria uma saída para fugir do absurdo. É possível compreender que o autor faz uma alusão do mito de Sísifo com as pessoas que constantemente fazem as mesmas tarefas diárias, desempenham o mesmo trabalho, muitas vezes sem atribuir sentido ao que faz - assim como Sísifo, que foi obrigado a rolar eternamente uma pedra até o cume de uma montanha -.

Partindo para um viés sociológico, um dos grandes estudiosos sobre a temática do suicídio foi o sociólogo francês Émile Durkheim, que analisa o fenômeno sobre diferentes perspectivas sociais. O autor define o suicídio como “todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima” (DURKHEIM, 2003, p. 15). Apesar das diferentes motivações, o suicida teria consciência do desfecho de sua atitude. Durkheim, indo mais além, define três tipos de suicídio, os quais denomina de suicídio egoísta, altruísta e anômico.

De acordo com Durkheim (2003) o suicídio egoísta ocorre quando o indivíduo não encara a sociedade de forma atrativa, e o aspecto individual se sobrepõe ao coletivo. Ainda na perspectiva do autor o suicídio anômico aconteceria essencialmente a partir da ausência de regras, crises sociais, guerras, o que implicaria no ato suicida do indivíduo. O suicídio altruísta será melhor exemplificado posteriormente.

Vale destacar que a estigmatização em torno do assunto era intensa, de modo que, quem praticasse tal ato, era condenado pela religiosidade e pela sociedade, em sua maioria, por quem a atitude não passava impune. A exemplo disso, Durkheim (2003) destaca o modo como era tratado o suicida postumamente:

Os bens do falecido não eram herdados pelos sucessores, como de hábito, e eram restituídos ao nobre. [...] 'Em Bordeaux, o cadáver era pendurado pelos pés; em Abbeville, era arrastado pelas ruas; em Lille, se era de homem o cadáver, era arrastado para o patíbulo, era pendurado pelo pescoço; se era de mulher, era queimado' (DURKHEIM, 2003, p. 358).

As punições recaíam nos familiares, que, por sua vez, não tinham permissão de receber a herança do familiar suicida, enquanto que os mortos, não tinham direito a um sepultamento digno, fazendo-se as mais diversas barbáries com seus corpos, atitudes essas que se estenderam por muito tempo em diversas sociedades. Durkheim (2003) relata que em alguns países, a tentativa de suicídio também era condenada, assim como as possíveis pessoas que ajudassem a concretização do ato, podendo acarretar multas ou prisões, de forma que alguns tentavam escapar da condenação associando o fato à loucura.

Posteriormente, o tema começou a ser encarado de forma menos intolerante em alguns lugares, e o suicídio passou a ser permitido caso fosse liberado pelo Estado, como nota-se no excerto a seguir: "Em Atenas, se antes de executar o ato o suicida pedia autorização ao Senado invocando as razões que lhe tornavam a vida intolerável e se o pedido era deferido segundo as normas, o suicídio era considerado legítimo" (DURKHEIM, 2003, p. 361), mas no caso da lei não ser invocada e o suicídio fosse realizado sem autorização, constava como crime e o indivíduo não teria direito a um sepultamento tradicional.

Com o passar dos tempos, atitudes extremas contra os suicidas foram diminuindo, uma vez que, "Com o avanço da modernidade, explicações sobrenaturais do suicídio como uma tentação demoníaca foram substituídas, cada vez mais, por uma psicologia médica de humores que conferia destaque a uma noção multidimensional de melancolia" (PETERS, 2020, p. 3). O assunto passou a ser mais estudado e conseqüentemente foram surgindo maiores análises e explicações sobre a mente humana, como por exemplo os estudos psicanalíticos, que concederam um olhar mais sensível para o lado emotivo do ser humano e suas diversas possibilidades de distúrbios emocionais e mentais. Não podendo tornar unilateral essa discussão, destacamos que certos preconceitos e alguns estigmas em torno da questão ainda permanecem.

3.1 Suicídio e cultura

O suicídio é um aspecto presente na humanidade há várias gerações, desde os povos primitivos. Cada tempo e cada sociedade encaram o fenômeno a partir de seus ideais e costumes, pois “as motivações de uma conduta tão extrema estão entrelaçadas a maneiras culturalmente variáveis de dar significado a si, aos outros e ao mundo” (PETERS, 2020, p. 2), podendo existir, em cada caso, contextos particulares que podem ditar as razões envolvidas no ato.

No entanto, é sabido que o suicídio, na maioria das vezes, é visto com um olhar de negatividade, punido e condenado em muitas sociedades, principalmente no contexto religioso. Todavia, para algumas culturas, em especial para os povos primitivos, o suicídio era visto como um dever.

Há entre eles uma espécie de homens selvagens e grosseiros a quem se dá o nome *sábios*. Para eles é uma glória antecipar o dia da morte, e queimam-se vivos quando a duração da vida ou da doença começa a atormentá-los. [...] entre esses povos, além dos velhos, as viúvas eram muitas vezes obrigadas a matar-se quando os maridos morriam. [...] Em outras regiões, quando morria um príncipe ou um chefe, os servos eram obrigados a morrer (DURKHEIM, 2003, p. 230-231, grifo do autor).

Percebe-se que, nesses casos, já existia uma determinação a ser cumprida, e caso o suicídio não fosse executado, acarretaria em consequências negativas para os sujeitos. Durkheim (2003) concede essa exemplificação ao tratar sobre o suicídio altruísta, que na concepção do próprio autor, seria pautado por uma motivação exterior, que o indivíduo julgaria ser mais importante do que sua individualidade, sendo considerado como um dever.

Neste sentido, também é possível mencionar o *sati*, um antigo ritual que era realizado na Índia por algumas comunidades hindus, no qual as mulheres que ficassem viúvas, se jogavam na mesma fogueira onde o corpo do marido fosse cremado. Já na cultura japonesa, durante o período feudal, era comum que os samurais cometessem suicídio através de um ritual chamado *harakiri*:

O ritual consistia na introdução da espada curta do samurai no lado esquerdo do abdômen, cortando a região central do corpo e puxando a lâmina para cima [...] assim, o samurai estaria, literalmente, cortando sua alma e reconhecendo sua perda, sua derrota, sua desonra (HIRANO, 2015, p. 10).

Isso acontecia, muitas vezes, em virtude da morte do mestre dos guerreiros, pois o ritual se notabilizava como uma forma de escapar do sentimento de vergonha, ao mesmo tempo em que seria demonstração de fidelidade e um meio de escapar dos ataques inimigos. É possível perceber que estes tipos de rituais eram bastante realizados na cultura oriental, na qual a honra era concebida como um princípio muito forte, concedendo a falha e a derrota motivos de vergonha.

No que se refere à cultura ocidental, é possível perceber que esses tipos de costumes não são tradicionais, podendo ser ressaltada uma maior repressão em torno da temática do suicídio, em virtude da forte represália advindas de sociedades cristãs, que enxergavam o ato com extrema negatividade, sendo a igreja uma instituição de forte influência social, aspecto que se destaca a seguir:

Todas as religiões em vigor na França continuam a proibi-lo e a puni-lo, enquanto a moral comum o reprovava. [...] na Inglaterra, logo no século X, o rei Edgar, em um dos cânones que publicou, assimilava os suicidas aos ladrões, aos assassinos, aos criminosos de toda a espécie. [...] Em Zurique [...] o cadáver era submetido, antigamente a um tratamento assustador. Se o homem tivesse se apunhalado, enterravam-lhe, perto da cabeça um bocado de madeira em que espetavam a faca; se se tinha matado por afogamento, enterravam-no a cinco pés de profundidade na areia (DURKHEIM, 2003, p. 359-360).

Nesse trecho, é possível perceber a forte tendência social em punir e discriminar atitudes de autocídio, inclusive por meio dos corpos dos suicidas, já que estes sofriam muitos ataques. No decorrer do tempo, esse tipo de represália extrema foi cessando, de modo que alguns avanços em relação a discutir e a entender mais sobre a temática foram construídos, mas ainda se faz necessário que mais progressos sejam promovidos, a fim de trazer uma maior conscientização social para a causa.

3.2 Suicídio e religião

Conforme já discutido, o suicídio foi, por muito tempo, uma temática repleta de polêmicas, visto como um ato criminoso e imoral em muitas sociedades. No âmbito da religiosidade, não foi diferente, condenado, basicamente, por todas as religiões. De acordo com Feitosa e Oliveira (2018), já no século V, a partir de Santo Agostinho, o suicídio passa a ser visto como pecado. O cristianismo é uma corrente religiosa que pode ser considerada como forte indutora de estigmas impostos ao suicídio, já que a igreja exercia grande influência na Idade Média e concebia a atitude como uma forma

de violação da vida e de muitos dos preceitos religiosos, associado como algo demoníaco.

Ao ser interiorizada pelos habitantes cristãos da Europa medieval, a ideia de que sucumbir aos impulsos suicidas significava entregar-se às tentações mesmas do diabo, condenando a própria alma ao inferno eterno, servia de barreira ao 'auto-assassinato' (PETERS, 2020, p. 3).

Esse ideal era e ainda é, até hoje, muito alimentado e disseminado, a partir do discurso de que os suicidas não teriam a salvação divina e que suas almas iriam diretamente para o inferno, o que, de certa forma, acabou funcionando como um mecanismo de inibição para evitar que as pessoas cometessem tais atos.

A temática também é fonte de discussão em outras religiões, como, exemplo, no budismo, pois Silva e Ferreira (2020) destacam que essa religião não é favorável a nenhuma violência, o que conseqüentemente também se reflete no suicídio, pois o suicida, ao reencarnar, acabaria enfrentando uma vida com maiores dificuldades. Esta crença também se faz presente no hinduísmo e no jainismo, pois o ato do suicídio implicaria em um carma futuro. Apesar do suicídio ser reprovado entre essas religiões, casos de suicídios entre os seus seguidores eram realizados, como se constata adiante:

Embora um dos livros canônicos da religião jainista reprove o suicídio, acusando-o de prolongar a vida, inscrições recolhidas em um grande número de santuários demonstram que, sobretudo nos jainas do sul, o suicídio religioso foi um costume frequente. [...] no hinduísmo, o costume de procurar a morte nas águas do Ganges ou dos rios sagrados estava muito difundido (DURKHEIM, 2003, p. 237).

O jainismo e o hinduísmo são conhecidas como religiões mais antigas, fortemente disseminadas na Índia, um lugar com tradições antigas e peculiares no que diz respeito ao suicídio, como o ritual do *sati*, que nos dias atuais é estritamente proibido. O rio Ganges é considerado sagrado para aqueles que acreditam no hinduísmo, pois seria a personalização da deusa Ganga, de modo que as águas do rio teriam um caráter purificador e após a cremação de um corpo as cinzas seriam jogadas no rio.

Outra religião que pode ser destacada é o islamismo, pois apesar de todas as polêmicas que envolvem o suicídio para esse povo, em especial, no que se refere a ataques terroristas e homens bombas, Silva e Ferreira (2020) relatam que o livro

sagrado islâmico, o alcorão, concebe a vida como um desejo divino, em que apenas Aláh quem poderia dar fim a vida humana, sendo o suicídio julgado como algo ruim. O fato é que o suicídio não é algo aceito entre as religiões, entretanto, casos de suicídio nunca deixaram de acontecer, o que ressalta a importância de discutir a temática.

3.3 Literatura, suicídio e catarse

A literatura pode se notabilizar como um importante meio de representação social, promotora também de reflexões e discussões em torno de temas que precisam ser debatidos, mas são pouco enfatizados. Neste sentido, é possível apontar algumas obras clássicas que falaram sobre a temática do suicídio, talvez não como assunto principal da narrativa, mas com importante abordagem para a época de sua produção.

Dentre os textos de destaque, é possível evidenciar “Anna Karênina” e “Madame Bovary”, escritos por Liev Tolstói e Gustave Flaubert, respectivamente, cujas obras se assemelham por serem tramas protagonizadas por mulheres que carregavam consigo a culpa do adultério, gerando muitos conflitos internos na narrativa e complexidades nos relacionamentos que se apresentam na trama, de modo que ambas, a sua maneira, decidem dar fim a própria vida.

Ana Karênina acaba traindo seu marido com o conde Vronsky, e no decorrer na narrativa, a protagonista tem a percepção da dependência envolvida na relação com o amante. Após a traição, ela começa a ser rodeada por vários pensamentos de que não é amada, e diante deste cenário, também demarcado por uma sociedade patriarcal, Anna decide se suicidar e pula diante de um trem.

De outro modo, Emma Bovary era uma mulher sonhadora, que nutria forte admiração e desejo de viver os enredos descritos nos livros que lia, então a protagonista decide viver relacionamentos extraconjugais. Após uma tentativa fracassada de trocar o marido pelo amante, Emma acaba tendo problemas de saúde e descobre que seu estilo de vida provocou a ruína financeira de seu marido, decidindo suicidar-se ingerindo veneno.

Outro livro que também pode ser destacado é “Os demônios”, de Dostoiévski, que teve inspirações baseadas no contexto social russo. Trata-se de um texto complexo, repleto de personagens, onde a temática do suicídio é abordada principalmente por meio do personagem Kirillov, integrante de uma sociedade secreta

niilista. Ele carregava consigo a vontade de se suicidar, e seu desejo foi utilizado como estratégia pelo grupo para se livrarem das punições em torno de atitudes criminosas.

Mesmo que cada uma das obras citadas tenha uma importância particular, certamente a obra clássica de maior repercussão sobre a temática tenha sido o livro “Os sofrimentos do jovem Werther”, de Johann Wolfgang von Goethe, justamente pela intensidade que comporta a obra dentro e fora da ficção. Werther é um personagem repleto de sensibilidade, pensamentos subjetivos, mas devido a sua paixão não correspondida por Charlotte, a existência perde o sentido para o jovem e ele decide dar fim a própria vida.

A intensidade da narrativa promoveu repercussões que se estenderam socialmente, gerando, além de sucesso imediato entre os leitores, influência na moda, na música, no teatro e nas diversas esferas sociais. Como já enfatizado em momento anterior, a obra também foi associada como possível causadora de atos suicidas, o que provocou muitos rumores na sociedade do século XVIII:

Não foram poucos os suicídios atribuídos ao romance. Construído em torno do crescente martírio do personagem, a história tem como desfecho seu suicídio. O bispo Lorde Bristol chegou a acusar Werther de ser uma obra imoral que levava os jovens a se suicidarem (BACKES, 2010, p.10).

O texto de Goethe extrapolou o limite das páginas, e apesar de não ter sido comprovado, de fato, que o livro foi responsável pela onda crescente de suicídios na época, o fato de tratar a temática do suicídio abertamente, gerou uma consequente repercussão negativa à obra, culminando com a sua censura, fato que reforça ainda mais a dificuldade em abordar a questão nesse período. Diante do sucesso da trama, é possível dizer que o livro conseguiu despertar o lado emocional de boa parte de seus leitores, construindo assim um processo de catarse coletiva.

Kátharsis é um termo de origem grega, descrito pelo filósofo Aristóteles em seu livro “Poética”, no qual o autor aborda aspectos relevantes para a constituição e a estética das formas de poesia. O termo também se fazia presente na esfera médica e religiosa; autores como Oliveira e Bazzanella (2020) relatam que a catarse tinha por significação a ideia de purificação e seria um meio de remediar as enfermidades físicas e da alma. De acordo com a descrição aristotélica, a catarse seria a purgação de sentimentos provocados a partir da Tragédia.

Tragédia, assim é, a imitação de uma ação séria, completa, que possui certa extensão, numa linguagem tornada agradável mediante cada uma de suas formas em suas partes, empregando-se não a narração, mas a interpretação teatral, na qual [os atores], fazendo experimentar a compaixão e o medo, visam a purgação desses sentimentos (ARISTÓTELES, 2011, p. 47).

As tragédias gregas se notabilizavam por serem peças com forte teor emocional, o que conseqüentemente provocava uma forte ligação com os espectadores que as assistiam. A catarse, então, aconteceria a partir desse envolvimento dos leitores com as peças, sendo capaz de expelir sentimentos, como uma espécie de purificação. Desse modo, a partir da perspectiva de catarse, podemos dizer que o receptor é transportado para dentro da narrativa e estabelece uma conexão com o personagem que provoca esse despertar de sentimentos. No âmbito literário, não ocorre de maneira diferente, o leitor consegue se envolver e se identificar com a trama a partir das descrições que são feitas.

A literatura é um meio artístico que nos possibilita maiores reflexões ao “vivenciar” determinadas narrativas. Dessa maneira, “A literatura [...] nos permite ir mais a fundo e olhar o ato mais de perto, fazendo com que olhemos para a pessoa que cometeu suicídio não como um suicida apenas, mas como um ser humano” (GATTI, 2020, p. 100). Assim, é permitida uma maior aproximação em torno da temática, de modo a ser possível compreender de forma mais profunda as motivações existentes em torno do ato, o que é completamente diferente de ter contato com notícias de suicídio apenas através de noticiários televisivos ou redes sociais. Apesar da literatura ser uma escrita ficcional, ela tem capacidade de representar a realidade, podendo gerar um processo de identificação entre leitor e obra.

4 FRAGMENTOS DO DESESPERO: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO “JOVEM WERTHER”

Conforme o exposto, “Os sofrimentos do jovem Werther” foi uma obra de grandes repercussões entre os seus leitores, talvez por ser um texto com fortes características emocionais, o que conseqüentemente provocou um envolvimento surpreendente do público com a narrativa. O protagonista, criado por Goethe, se notabiliza por sua subjetividade e extremo sentimentalismo, mas esses traços comportamentais não aparecem apenas em relação aos sentimentos amorosos nutridos por Charlotte, Werther era um personagem com fortes ligações com a natureza, exaltando-a constantemente, conforme se verifica a seguir:

Quando este vale adorável começa a bafejar seus alentos ao meu redor, o sol alto repousa na superfície impenetrável da escuridão de minhas matas [...] quando, deitado em meio à grama alta à beira de um córrego, e então mais rente a terra a variedade sem fim das milhares de plantinhas chama minha atenção; quando sinto mais perto de meu coração o pulular desse pequeno mundo entre os caules e as formas incontáveis e inescrutáveis dos mais minúsculos vermes e insetos; quando sinto a presença do todopoderoso que nos criou a sua semelhança [...] Mas eu sucumbo diante disso, não resisto à força esplendorosa dessas manifestações (GOETHE, 2021, p. 53-54).

É possível perceber, no trecho destacado, a forte conexão de Werther com a natureza e como isso agregava bons sentimentos ao personagem. Para ele, os pequenos detalhes eram repletos de significação, e, no decorrer da narrativa, são constantes o enaltecimento aos aspectos naturais do vilarejo de Wahlheim. Essa exaltação à natureza era uma das características do período romântico, tida como um modo de fugir da realidade.

Werther também se notabilizava por ser um personagem de muitas reflexões. Em um determinado momento da narrativa, durante uma interação com Albert, Werther faz referência a uma ação suicida ao apontar uma pistola descarregada em sua testa, o que imediatamente chama a atenção de Albert e ambos começam a discutir. Durante a discussão, é possível destacar o posicionamento mais compreensivo de Werther sobre a temática:

— Não entendo por que homens como você — exclamei eu —, ao falarem sobre um assunto, têm logo que sentenciar: isso é tolice, aquilo é sensato, isso é bom, aquilo é mau! E o que significa tudo isso? Vocês por acaso fizeram algum estudo mais aprofundado daquilo que de fato motiva um ato

como este? Vocês por acaso são capazes de desvendar com precisão as causas, as razões pelas quais isso aconteça? Se vocês soubessem mais sobre o assunto, por certo não se afobariam tanto na hora de desferir tais juízos (GOETHE, 2021, p. 101).

Como é sabido, o texto de Goethe foi escrito em um período marcado por intolerância em relação a assuntos como o suicídio, posicionamento refletido no comportamento inflexível de Albert durante o diálogo. No entanto, como observado no trecho destacado, Werther demonstra muita sensibilidade ao buscar refletir através de uma perspectiva diferente.

Certamente, um dos fatores que chamam bastante atenção no livro de Goethe é a imediata paixão de Werther por Charlotte, pois já nos primeiros contatos com a jovem, ele se sente tomado por fortes sentimentos, como é possível perceber em seu primeiro relato sobre a moça para Wilhelm:

Resumindo, conheci alguém que mexeu com meu coração. [...] uma das criaturas mais adoráveis deste mundo. [...] Um anjo! [...] ela é perfeita; basta te dizer que ela fez prisioneiro cada um dos meus sentidos. Tamanha singeleza em meio a tanta inteligência, tamanha generosidade em meio a tanta firmeza, e aquela serenidade de espírito em meio a toda a agitação da vida real. — Não, isso tudo não passa de um palavrorio insignificante, de abstrações infelizes, que não expressam, dela mesma, nem um único traço sequer (GOETHE, 2021, p. 66).

A partir dos relatos de Werther, é possível constatar como o personagem é intenso em relação aos seus sentimentos, descrevendo Lotte de maneira idealizada, o que também se configura como uma característica do Romantismo. No decorrer da obra, todo esse sentimentalismo continua a se amplificar, pois Werther, mesmo após saber que Charlotte estava prometida a Albert, desenvolve uma relação de amizade com a moça, aflorando ainda mais seus sentimentos: “Não, não estou me iludindo! Leio naqueles seus olhos negros um interesse sincero por mim [...] oh, será que me é concedido dizer, será que sou capaz de dizer o céu por inteiro nessas palavras? — que ela me ama!” (GOETHE, 2021, p. 90).

É possível dizer, que em nenhum momento da narrativa se tem a ideia explícita de que Lotte corresponde os sentimentos de Werther e vê-lo para além da amizade, entretanto, o protagonista cria e fantasia muitas expectativas em seu imaginário, de modo que, cada pequeno detalhe de seu contato com a jovem, toma grandes proporções. Diante desse turbilhão de sentimentos, Werther vai se corroendo aos poucos, consumido por sentimentos angustiantes:

Seu pobre infeliz! Será que você é mesmo um tolo? Será que você não percebe que está enganando a si mesmo? Que sentido faz alimentar essa paixão delirante, sem fim? Minhas preces só se voltam a ela; nenhuma outra figura se projeta em minha imaginação, a não ser a dela, e tudo o que vejo no mundo à minha volta eu relaciono com ela (GOETHE, 2021, p. 112).

A partir do trecho destacado, é possível perceber o conflito interior de Werther, dividido entre a paixão avassaladora que sente e a consciência da impossibilidade de vivê-la. Esta percepção, aliada a tentativas frustradas de um contato mais íntimo com Lotte, fazem com que Werther se torne cada vez mais melancólico e muitos pensamentos depressivos o envolvem. Desse modo, a vida vai perdendo o sentido para ele, nem mesmo a natureza, que agregava bons sentimentos a sua vida, consegue mais ser motivo de alegria, de modo que a vontade de se suicidar tornou-se cada vez mais presente.

Às vezes, ao perceber como significamos pouco uns para os outros, tenho vontade de rasgar meu peito e arrebentar meus miolos. [...] Tenho tanto, mas o que sinto por ela devora isso tudo; tenho tanto, mas isso tudo nada vale sem ela [...] Deus sabe quantas vezes não acabo indo me deitar com o desejo, ou, ainda, com a esperança de não mais acordar (GOETHE, 2021, p. 152-153).

É possível perceber, que toda essa paixão e sentimentalismo exacerbados, se tornaram prejudiciais para Werther, pois em muitos momentos se nota uma certa obsessividade por parte do personagem, que passa a ter a vida direcionada a Charlotte, de modo que, diante da impossibilidade de viver essa paixão, acaba culminando no ato suicida do jovem.

Desde o início da trama, é possível perceber como Werther é um personagem despegado em relação a aspectos materiais, mostrando-se subjetivo e sentimental. As suas questões interiores são abordadas de forma intensa, e esse lado sentimentalista é ainda mais a florado quando Werther começa a se envolver e ter uma relação de amizade com Lotte, momento em que é despertado por fantasias e desejos.

A narrativa criada por Goethe, inspirada em fatos reais, conseguiu alcançar grandes repercussões, mas certamente um dos fatores que mais chamou atenção foi a intensidade com a qual a obra atingiu os leitores, sendo, inclusive, rotulada como influenciadora de motivação aos autocídios. O próprio Goethe, em sua autobiografia “De minha vida poesia e verdade”, faz relatos sobre o assunto:

Mas enquanto eu me sentia aliviado e esclarecido por ter transformado realidade em poesia, meus amigos se atarantavam com a ideia de que tinham de transformar a poesia em realidade, seguindo os mesmos passos de um romance como aquele e, se necessário fosse, dando um tiro na cabeça. E o que aconteceu de início ali, naquela roda mais restrita de alguns poucos amigos, aconteceria também com o grande público. Assim, esse pequeno livro, que me fora pessoalmente tão útil, acabou sendo declarado altamente prejudicial (GOETHE, 2017, p. 704).

Goethe relata que pairava um clima melancólico na época, pois essa negatividade atribuída ao livro realmente se fez presente. Isso se confirma mediante os relatos de que pessoas se suicidavam carregando consigo exemplares da obra ou vestindo as roupas características de Werther. Apesar da censura do livro, em um determinado período, - o que pode ser atribuído ao fato de a temática do suicídio ter sido tratada abertamente -, estimulou, em seguida, que muitos debates permanecessem, mesmo não havendo comprovação, de fato, que o livro teria sido o único responsável por culminar a onda crescente de suicídios, fato complexo de se imaginar, já que o suicídio se notabiliza por ser multifatorial.

No entanto, é inegável que o texto de Goethe conseguiu atingir emocionalmente boa parte de seus leitores, pois, “Para que o efeito catártico aconteça, o herói não deve ser totalmente bom ou mau, mas possuir um caráter mais humano, que equilibre virtude e vício, que seja, portanto, passível de incorrer em erro” (OLIVEIRA; BAZZANELLA, 2020, p. 79).

Podemos observar tal característica em Werther, um personagem completamente subjetivo, que em determinados momentos se sente feliz com seus sentimentos e com a sua relação com a natureza, já em outros, é despertado por um tom mais melancólico e depressivo. Essas representações das características da vida humana, conseguem promover um processo de identificação entre leitor e personagem, culminando na catarse. É possível dizer, que do ponto de vista literário, a obra de Goethe conseguiu produzir um efeito catártico em seus leitores, pois, a partir das descrições de vivência, pensamentos e sentimentos de Werther, o público se envolveu com a trama e também teve o seu lado emocional despertado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões suscitadas neste trabalho, é possível considerar que a obra “Os sofrimentos do jovem Werther” marcou a época em que foi escrita, por se tratar de uma produção precursora do Romantismo, que, por sua vez, buscava a quebra das formas estéticas literárias do século XVIII. Consequentemente o sucesso do livro proporcionou impulso para o movimento romântico, e podemos dizer que Werther consegue personificar muitos dos ideais românticos, a exemplo da subjetividade, da exaltação da natureza, do enaltecimento da mulher amada, de modo que o lado mais sentimental e menos racional da trama pode ser considerado como um fator de aproximação com o leitor, que consegue de algum modo se identificar e se envolver na narrativa pelos aspectos humanos que o livro apresenta.

As repercussões sociais da obra foram marcantes, em especial a sua atribuição a casos de suicídio, fato que justifica as discussões em torno do texto de Goethe permanecerem até hoje. Estudos e debates seguem sendo traçados, mas é problemático avaliar que unicamente a leitura de um livro seria capaz de provocar casos de suicídio, já que este é um fenômeno que pode ser influenciado por diversos fatores. O que se pode considerar é que o texto de Goethe pode ter atuado como uma espécie de gatilho para pessoas que já tinham algum ideal suicida, vertente com a qual nos identificamos.

Foi possível perceber, ao longo da pesquisa, que o suicídio é um ato complexo, marcado, em muitos casos, pelo seu caráter multifatorial. Historicamente, foi concebido de diversas formas; enquanto para alguns povos o ato era encarado como dever, por outros era visto como um fato altamente repugnante, resultando em muitas barbáries sendo feitas com os corpos dos suicidas, já que cada sociedade e cada cultura adotam concepções de “certo” e “errado”.

A partir das discussões que foram levantadas neste trabalho, também cabe destacar a necessidade de evidenciar o texto literário como um importante elemento que dá destaque à temáticas que precisam ser debatidas socialmente, pois a literatura se notabiliza como um meio possível de reflexões. Para além dessas questões, ficou evidente a capacidade do texto literário em despertar sentimentos humanos nos leitores, e podemos considerar que os ideais de catarse pensados por Aristóteles, na antiguidade, são atemporais.

Esperamos que esta pesquisa possa provocar maiores reflexões em torno das influências do texto literário, bem como a respeito dos ideais de catarse propostos por Aristóteles, de modo esteja aberto o espaço para a amplificação de debates sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla Jeucken; KOSOVSKI, Giselle Falbo. Paratodos? Paradoxos da obra como solução e o efeito Werther. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 227-236, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2983>. Acesso em: 22 fev. 2023.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BACKES, Marcelo. Prefácio. In: GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010. p. 4-6.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 6. ed. Rio de Janeiro: Record. 2008.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret. 2003.

FEITOSA, Pedro Walisson Gomes; OLIVEIRA, Fábio Gomes de. O suicídio de Emma Bovary: Considerações sobre o morrer na obra de Gustave Flaubert. **ID on line - Revista de psicologia**, [s. l.], v. 12, n. 42, p. 13-21, 2018. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1293>. Acesso em: 25 fev. 2023.

GATTI, Priscila Vargas. **O Suicídio na literatura: uma análise discursiva crítica**. 2021. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/4659>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **De minha vida poesia e verdade**. Tradução de Mauricio Mendonça Cardozo. São Paulo: Unesp Digital, 2017.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Tradução de Maurício Mendonça Cardozo. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.

HIRANO, Heidi. O Suicídio na cultura japonesa. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, BA, v. 2, n. 2, p. 6-16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revbraspsicol/issue/view/1840/452>. Acesso em: 6 mar. 2023.

HULSE, Michael. Introdução. In: GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Tradução de Maurício Mendonça Cardozo. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021. p. 7-29.

LESKI, Ivan. Ossian, Werther e os pré-românticos. **Intelligere, Revista de História Intelectual**, São Paulo, n. 11, p. 157-177, 2021. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/189172>. Acesso em: 25 jan. 2023.

OLIVEIRA, Tiago Mendes de; BAZZANELLA, Sandro Luíz. Mimese, Verossimilhança e Catarse: Contribuições de Aristóteles aos Estudos Literários. **Revista Húmus**, [s. l.], v. 10, n. 29, p. 71-82, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/14813>. Acesso em: 20 jan. 2023.

PERUQUETTI, Rebeca; CAMPOS, Jaquelyne de; BARCELLOS, Natália. Os Sofrimentos do Jovem Werther: do Sturm und Drang à contemporaneidade. **Contingentia**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 81-92, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/112462#:~:text=Resumo%3A%20Mais%20de%20duzentos%20anos,de%20concretizar%20um%20desejo%20t%C3%A3o.> Acesso em: 17 jan. 2023.

PETERS, Gabriel. O anti-Durkheim: por uma análise culturalista do suicídio. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 35, n. 104, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/zW9WMVWkHtnYNgKf9vSpFbs/?lang=pt#>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SARAMAGO, José. **A segunda vida de Francisco de Assis**. Lisboa: Caminho, 1987.

SHECAIRA, Fábio Perin. Werther e o (suposto) poder da literatura. **ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 375-393, 2019. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/582>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SILVA, Milena Maria de Sousa; FERREIRA, Rosiane Barbosa. A interpretação das religiões sobre o suicídio: algumas considerações. **Revista Senso**, [s. l.], n. 14, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-14/a-interpretacao-das-religioes-sobre-o-suicidio-algumas-consideracoes/>. Acesso em: 10 fev. 2023.